

Zuboff, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019, 691p. ISBN 9781610395694

Lucas de Brito¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: brito.lucas_2@posgraduacao.uerj.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7881-5467>

Recebido em: 09 out. 2020 | Aceito em: 23 jan. 2021.

RESUMO

Shoshana Zuboff, em seu livro *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*, perpassa pelas diversas funções e características do capitalismo de vigilância, conceito instrumentalizado pela autora e que diz respeito a uma nova ordem econômica baseada na extração de dados para a predição de comportamento capitaneada pelas grandes empresas de tecnologia. Através de vários exemplos e de uma narrativa bem fundamentada a autora mostra as consequências, na vida cotidiana, do aparato sofisticado utilizado para a modificação de comportamento.

Palavras-chave: Capitalismo de vigilância; Big tech; Poder comportamental.

ABSTRACT

Shoshana Zuboff, in her book *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*, goes through the diverse functions and characteristics of surveillance capitalism, a concept instrumentalized by the author and which concerns a new economic order based on in data extraction to predict behavior led by large technology companies. Through several examples and a well-tied narrative, the author shows the consequences in everyday life of the sophisticated apparatus used for behavior modification.

Key words: Surveillance capitalism; Big tech; Behavioral power.

Em 2019, a professora de administração da faculdade de Harvard publicou seu mais importante trabalho, "The age of surveillance capitalism". O livro trata sobre pesquisas e temas que a autora trabalhou a vida inteira e vem em sequências de dois livros que trataram da nova etapa do capitalismo diante dos amplos avanços da tecnologia de informação, "In the age of the smart machine", 1988, e "The support economy", 2004. Seus livros refletem a trajetória da autora que possui uma graduação em filosofia pela Universidade de Chicago e Ph.D. em psicologia social pela Universidade de Harvard, além de ter sido professora da *Harvard Business School*. Seus dois primeiros livros foram muito centrados na relação entre as novas tecnologias, o futuro do trabalho e as novas dinâmicas laborais demandadas por esse contexto.

Em sua obra seminal, Zuboff perpassa por várias dimensões do que ela chama de capitalismo de vigilância, uma nova ordem econômica seguida pioneiramente pelas empresas do Vale do Silício e que perpassa por companhias dos mais diversos portes, desde *startups* até as gigantes, como Google e Facebook. Vale ressaltar que se trata da lógica que instrumentaliza as tecnologias e não os avanços tecnológicos em si. O capitalismo de vigilância se constitui em um modelo de negócios onde os principais instrumentos de capitalização das empresas são os próprios dados dos usuários de suas plataformas (Zuboff 2019, pág. 8).

Vale frisar que, Zuboff defende que não se trata da frase muito difundida de que "se nada está sendo vendido, o produto é você". As experiências e o uso da plataforma dos usuários são na

verdade a matéria prima dessa nova ordem econômica que são transpostos e segmentados em um banco de dados comportamental e depois vendidos a potenciais anunciantes de produtos (Zuboff 2019, pág. 14).

Zuboff (2019, pág. 87) introduz e trabalha com diversos conceitos em seu livro. Para se compreender o processo de construção de banco de dados é importante compreender o imperativo da extração, capitaneada pela Google, que postula que essa matéria prima deve ser adquirida em uma escala em constante expansão.

Em adição, há o conceito do excedente comportamental (Zuboff 2019, pág. 14). O conceito diz respeito a uma acumulação dos dados que a empresa faz dos usuários para além do que é utilizado para o próprio melhoramento da plataforma e experiência de uso.

O capitalismo de vigilância também teve e vem tendo um processo de desenvolvimento. Para Zuboff, o imperativo da extração de dados que cuidou de popularizar as páginas de perfis do usuário com os anúncios mais bem adequados aos interesses específicos de cada um, passou tempos depois para o imperativo da predição. Um passo adiante das plataformas serem meras espectadoras das preferências dos usuários, a anteciparem o que eles gostariam antes mesmo que o interesse se manifestasse (Zuboff 2019, pág.87).

A extração de dados do gosto do usuário e o algoritmo da recomendação é uma das caras da chamada "economias de ação" de Zuboff (2019, pág. 193). A predição comportamental exercida pelo capitalismo de vigilância não se trata de uma mera suposição. A predição é a manifestação de instrumentos que moldam e influenciam o comportamento, esses instrumentos Zuboff chama de "economias de ação". O comportamento do usuário é incorporado a funções de determinado dispositivo, aplicativo ou plataforma, ou mesmo atrelado a determinados contextos. Esses instrumentos podem ser a localização do botão "comprar", a hora mais propícia que um e-mail promocional chega à caixa de entrada, ao anúncio que vem no aplicativo de mapas quando passa por determinada localidade, entre outras formas de estímulo a determinados padrões de consumo.

Os dados, por uma exigência de mercado, deveriam ser cada vez mais variados para assim atender a todo tipo de indústria. Isso exigia que a extração de dados fosse cada vez mais ubíqua, isto é, presente em todos os meandros possíveis do cotidiano do usuário. A ubiquidade certamente é atrelada à proliferação na indústria de produtos "inteligentes". É possível encontrar televisores, relógios, assistentes pessoais, carros, ônibus, cartões de crédito, até mesmo geladeiras e outros eletrodomésticos que já contam com opções no mercado. Esses tipos de dispositivos compõe a chamada "internet das coisas", isto é, a conexão e digitalização de objetos tidos como triviais de nosso cotidiano (Zuboff 2019, pág. 213).

Interessante trazer o caso narrado sobre a gênese do capitalismo de vigilância se dando quase que por acaso no princípio do Google. O braço publicitário da empresa, o AdWords tinha poucos funcionários e refletia o pouco entusiasmo dos criadores Sergey Brin e Larry Page em popularizar as páginas do mecanismo de busca com anúncios. Em meados de 2000 quando havia certa pressão para a abertura de capital na bolsa de valores, e combinado com o desconhecimento

dos potenciais acionistas em como a plataforma retornaria o investimento, houve uma maior articulação do departamento capitaneado pela executiva Sheryl Sandberg (Zuboff 2019, pág.191).

Como último ponto vale citar o conceito de poder instrumentário. Se trata de uma nova forma de coerção originada do capitalismo de vigilância, onde os meios de produção dessas grandes empresas de tecnologia, são empregados como meios de modificação comportamental. Segundo definição de Zuboff (2019, pág. 331, *tradução livre*), o "instrumentarianismo" é a "instrumentação e instrumentalização do comportamento para os propósitos de modificação, predição, monetização e controle". Esse poder se trata de uma espécie coercitiva não violenta no sentido de danos físicos à pessoa. A instrumentação diz respeito a interpretação dos dados, ao lado do "fantoche". A instrumentalização se refere ao "mestre das marionetes" que é orientado pelas relações sociais, fazendo menção ao aparato das plataformas digitais que para se perpetuarem conseguem alcançar o nível da modificação do comportamento de seus usuários.

Zuboff introduz funcionalmente as características e aspectos do capitalismo de vigilância. No entanto, ao direcionar o foco aos aspectos funcionais desse novo modelo de negócios, percebe-se a falta de uma reflexão mais crítica a respeito da categoria do capitalismo em específico e um olhar para as dinâmicas econômicas que propiciaram o capitalismo de vigilância em primeiro lugar. Apesar da impressão, ao se olhar as quase 700 páginas do livro, a leitura não é maçante e a escrita é permeada por diversos exemplos coletados de notícias e entrevistas, que compõem e ilustram bem à narrativa da autora.